NUMERO 49. SEXTA FEIRA 18 DE DEZEMBRO DE 1829.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA"

O AMIGO DO HOMEM, E DA PATRIA.

Malheur à l'homme qui rapporte tout à lui, qui ne voit que lui dans la Nature.

Subscreve-se a 4$ réis por semestre pago no principio delle: huma folha que sahirá as Terças, e Sextas feiras, ainda sendo Dia Santo, em Porto Alegre na Typographia; no Rio Grande em Casa do Consul Francez; no Rio Pardo em Casa de João Ignacio de Oliveira; e em S. Francisco de Paula em Casa do Medico Roberto Landel Folhas avulças na mesma Typographia a 80 réis cada huma.

INTERIOR.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

Tune intelliges justitiam,
Et judicium, et æquitatem.
Prov. Cap. II. V. 9.

COM o N. 49 da sua mui conceituosa Folha, foi distribuida a 13 do p. p. mez de Novembro, huma carta assignada por hum Cidadão, que se queixa de que tendo sido o Cirurgião do Hospital Militar da Villa do Rio Grande, Antonio José Caetano, pronunciado em Devassa, tirada pelo Juizo dos Feitos da Fazenda Publica, ainda se acha no exercicio daquelle emprego: o que attribue o Cidadão, a patronato do Doutor Ouvidor da Comarca, para com o sobredito Silva. Ora como accontece, ter eu bastante conhecimento do negocio, para pôr patente ao Publico a verdade do facto, defendendo a honra de hum Magistrado, que até hoje não tem dado motivo a censura no exercicio de seu cargo, tomei a tarefa de lançar neste papel essas quatro linhas, que lhe rogo, Sr. Redactor, queira inserir na sua mesma conceituosa Folha. Antonio José Caetano da Silva, foi pronunciado pelo Juizo dos Feitos da Fazenda Publica desta Provincia: porém note o Cidadão, que o Réo pronunciado, não está ainda convencido do crime; consulte o Cidadão a qualquer Legulcio, e saberá, que a pronuncia, apenas declara o Réo suspeito de ter commettido o crime, e que só huma Sentença condemnatoria, produz o convencimento, que o Cidadão attribue á pronuncia, com o mesmo desembaraço, e despejo, com que certo charlatão meu conhecido, decreta, e assigna hum recipe a qualquer Pai de familia, sem que lhe mordão na consciencia os terriveis effeitos da sua ignorancia.

Saiba mais o Cidadão, se acaso o ignora, que o referido Silva, obteve Alvará de Fiança, concedida na fórma da Lei, em cumprimento da qual lhe foi igualmente levantada a residencia pelo ter assim requerido com attestação de molestia, e da existencia desta não duvide o Cidadão, ao menos por honra da confraria. Saiba finalmente o Cidadão, que o processo de Silva, está em andamento: e agora diga-me, o que mais cumpria fazer ao Doutor Ouvidor da Comarca neste negocio? Eu não conheço o Cidadão: não sei de que cor he, nem o Officio que tem: mas supponhamos meramente por hypothese, que elle exerce a divina arte de Hypocrates: folgaria o Cidadão de que hum mandado do Doutor Juiz dos Feitos da Fazenda, o inhibisse de applicar sanguexugas, e de pôr os doentes a canja

de arroz? Talvez que esse mandado fosse hum beneficio para a humanidade; mas nem por isso deixaria de ser huma injustiça: *non sunt facienda mala ut anarieant bona.* Além de que, a Junta da Fazenda, não impozdo Doutor Juiz dos Feitos della, a obrigação de dar conta do resultado da Devassa, mas ordenou-lhe, que procedesse na conformidade das Leis, e que désse parte do resultado do procedimento: e resultado do procedimento, não he a pronuncia da Devassa, mas sim, a Sentença final, ou condemnatoria, ou de absolvição. Tenho pois demonstrado, que da parte do Doutor Juiz dos Feitos da Fazenda, não houve patronato, nem offensa da Lei: e que o Cidadão, andou pelo menos precipitado no juizo temerario, que fez deste negocio.

E porque muitas vezes a opinião publica, impõe a pena de Talião, accontece, que alguns praguentos asseverão, que o Cidadão, escreveo não movido pelo amor da Justiça, nem de humanidade, e zelo do serviço, mas impellido por sordido interesse particular; que pertende occupar o emprego de Silva pela suspensão deste, em cujo processo foi testemunha que lhe fez culpa, e que procurando illudir o Exm. Sr. Presidente da Provincia, lhe requerera ordem de prisão contra Silva em nome de Francisco Manoel dos Passos, que se acha no mesmo caso daquelle; sem se lembrar, que a ordem expedida contra hum, devia expedir-se tambem contra o outro. Que bello Procurador! Mas a nada disto dou credito, Sr. Redactor; o juizo temerario que fez o Cidadão, do Douto Ouvidor da Comarca, recahe sobre o mesmo Cidadão: por que diz o Evangelho, *Nolite judicare; quæcumque judicio judica veritis, judica bincini.*

Sr. Redactor, queira perdoar a matraca: seu criado

Fimfim.

O DESPOTISMO.

Considerado nas suas causas, e effeitos.

Patriæ impendere vitam

Não se póde, por conseguinte, considerar o Despotismo, senão como hum combate desigual entre huma sociedade sem defensa, e hum salteador, ou salteadores armados contra ella. Deixemos de imaginar que huns entes dotados de razão puderão jámais consentir n'hum podêr arbitrario, ou quizerão voluntariamente ser mettidos em ferros, dizendo aquelles que havião elegido para seus Soberanos; "Governai-nos, como vos convier, e disponde, segundo o vosso capricho, de nossas pessoas, mulheres, filhos, bens, e liberdade. Consentimos em trabalhar sómente para vós, e para aquelles que o vosso favor distinguir do vulgo. Por maióres que sejão os excessos a que vos conduzir a vossa depravação, ou o vosso delirio, desde já os approvamos, renunciando para sempre o direito de nos queixarmos, ou de reprimir os vossos furores."

Se nos querem dizer que do Céo he que emana a auctoridade real; — terá alguem a audacia de suppôr que hum Deos bom e justo, como o devemos crer, disse a todos os habitantes da terra "Mortaes! eu vos criei para serdes o ludibrio de hum ente privilegiado: eu vos reuní em sociedade para que fosseis escravos ainda mais infelizes que os selvagens dispersos pelos desertos. A vossa vida, o vosso campo, o vosso trabalho, a vossa liberdade, tudo pertence exclusivamente a hum de vós, que eu preferi a todos os outros, e a cuja vontade, qualquer que ella seja, deveis illimitada obediencia, e acatamento." Com quanta insolencia não ultraja a Deos todo aquelle que o representa como auctor, e defensor dos tyrannos que dissolão a terra! Testas coroadas, que regeis os destinos dos homens, abandonai o tenebroso plano que tendes formado para os escravisar. Fugi de acreditar os aduladores, e infames conselheiros, que, com o pretexto de estabelecer a vossa auctoridade, vos ensinão a conculcar as leis, a liberdade, e a virtude; unicos e solidos fundamentos dos vossos thronos. Evitando o veneno da sua impostura, e sediciósa lingoagem, attendei sómente á voz saudavel da razão que assim vos brada, "Oh vós, que reinaes sobre os homens, cuidai em os fazer venturosos, lembrando-vos que se elles vos collocarão acima de si, foi só por seu interesse, e não para satisfazer o vosso orgulho, ou disongear os vossos desordenados appetites. Vêde os orgãos da equidade, se quereis ser obedecidos. Sois homens como o ultimo dos cidadãos; estaes sujeitos ás mesmas enfermidades humanas; e se necessitaes tanto de soccorros, como os outros homens, deveis cuidar em merecer a affeição dos vossos similhantes. Se pretendeis parecer imagens de Deos, mostrai-vos como divindades beneficas, e não como demonios encarniçados na dissolação do genero humano. Desenganai-vos da absurda presumpção que vos faz imaginar que todos os Póvos do mundo forão destinados, por huma injusta, e parcial Providencia, a ser instrumentos da vossa ambição, e ludibrio dos vossos caprichos. Se as vossas almas adormecidas no seio da grandeza, pervertidas pela adulação, e enervadas pelo luxo, são ainda sensiveis aos gritos da virtude, renunciai a esta força barbara que aggrava os ferros da oppressa humanidade; e preferi a frivola vaidade de podêr esmagar estupidos servos, á solida honra de governar homens racionaveis, e felizes. Desfructando a nobre satisfação de dominar ferteis Provincias, e opulentas Cidades, deixai aos tyrannos o barbaro predicado de reinar sobre solidões, e ruinas."

Se a lingoagem da humanidade não póde commover huns corações inaccessiveis a todo o humano sentimento, aterre-os ao menos a historia com o pavoroso quadrô dos perigos a que expõe os principes o Despotismo, e tyrannia. Ella lhes mostrará as terriveis revoltas que a oppressão fez tantas vezes necessarias; as conjurações formadas pela virtude reduzida á desesperação; as espadas suspensas sobre a cabeça dos inimigos do governo humano. N'huma palavra, ella lhes fará ver os thronos abatidos; os despotas despenhados na miseria; os tyrannos degolados, e confundindo o seu sangue com o das victimas do seu furor. Então conhecerão elles que a força se destróe pela força, e que a vida de hum tyranno está nas mãos de qualquer escravo assás ambicioso para despresar a morte: verão que os Estados, enfraquecidos por huma administração insensata, perdem por fim toda a força real, e vem a ser tarde, ou cedo despojados da conquista

Perguntará talvez alguem, por que razão a maiór parte das Nações gemem debaixo do Despotismo; e porque motivo tantos monarchas procurão sempre exercitar hum podêr absoluto? — Respondo, que o Despotismo he o mais facil de todos os modos de governar. Quem governa por meio do terror, escusa ter engenho, talentos, e virtude. *Não he preciso arte nem sciencia*, diz la Bruyere, *para exercer a tyrannia.* Mais facilmente se maneja huma multidão de vassallos divididos entre si, pela desconfiança, corrompidos pelos vicios, e esmagados pelo temor, do que huma Nação virtuosa, e illustrada.

Apesar do espantoso quadro que acabamos de formar do Despotismo, póde algumas vezes accontecer que elle offereça aos Póvos huma momentanea felicidade. Dêm-se ao mundo Trajanos, e Antoninos, e então não será necessario limitar-lhes o podêr: porém a historia nos mostra a cada pagina que os bons despotas são muito raros, e os tyrannos frequentissimos; que os principes mais sabios são substituidos por monstros; e que emfim o podêr illimitado corrompe o maior bem disposto coração, e perverte as melhores intenções. *Nero* foi hum prodigio nos principios do seu reinado.

Não faltará quem nos diga, que se tem visto muitas vezes Nações submettidas ao Despotismo, fazerem cousas maravilhosas, e representarem hum grande papel no theatro do mundo: mas nós replicaremos que o podêr momentaneo, as cruentas victorias, e as injustas conquistas, nada provão a favor da verdadeira felicidade dos Póvos, que deve ser o unico objecto de todos os governos. O mais que se póde concluir de similhantes dados, he que alguns Póvos estupidos forão victimas da ambição de seus loucos senhores. Os Musulmanos conquistárão antigamente a Asia, a Africa, e huma parte da Europa, sem que deixassem hum só instante de ser desgraçados.

Por qualquer lado pois que se encare o Despotismo, sempre se vê, que he o maiór flagello do genero humano, he a mais fecunda origem das perpetuas calamidades, que affligem os Póvos. Tudo nos prova, que elle não he util a pessoa alguma, e que em

lugar de aproveitar a quem o exerce, rouba-lhe o amor dos subditos, e solido poder, a verdadeira grandeza, a segurança pessoal, e acaba finalmente por involve-lo na ruina geral da Nação. Em summa, se ha huma verdade demonstrada em politica, he certamente esta: No *Despotismo nem os Povos são felizes, nem os Principes estão seguros.* * * * (*Do Universal.*)

Quando o *Times* pela primeira vez publicou a sua folha dobrada, alguns curiósos se entertiverão em calcular a materia, que continha; applicando-se esses calculos ao *Atlas* de 22 de Março, teremos que enchia 2 grossos volumes de 8.°, ou mesmo 3, adoptando o systema das margens largas, de que fazem tão habil uso os nossos modernos editores, e a imprensa quotidiana de Paris, reunindo todos os seus productos de hum dia, poderia apenas oppôr hum pigmeo ao gigantesco *Atlas*. Se o contraste entre esta folha collossal, e os jornaes Francezes, taes quaes são hoje, debaixo da sua nova forma, he já curioso; que figura faria apar do *Atlas*, hum numero do *Daily Journal*, cuja alta estatura os nossos antepassados admiravão. O infeliz desappareceria inteiramente em huma das 86 columnas, que o *Atlas* de 22 de Março offereceo á avidez dos seus leitores. Este prodigioso numero, destinado a reproduzir por inteiro, os debates do Parlamento na questão Catholica, tendo sido tirado na somma de 15000 exemplares, não gastou menos de 30 resmas de papel, cujo pezo subio a 4260 libras, e pagou ao Governo 60 lb. st. pelos direitos de *excise*, e 200 lb. st. pelas despezas do sello. Se se imaginão todas essas folhas de papel, grudadas humas a outras, o comprimento total será de mais de 15 milhas (5 legoas. (*Westminster Review.*)

EXTERIOR.

NOVA YORK. — Hum periodico de Massachussetts annuncia o casamento do Sr. André C. Fearing, natural de Boston com a Susa. Aldiborontifoscofosforina Cowen. — Em que apuros se não verá aquelle pobre homem, quando lhe perguntarem como se chama sua mulher!

FRANÇA — O Ministerio Francez está mudado, e nesta mudança o Jesuitismo obteve a victoria. Os negocios Ecclesiasticos que Sua Magestade o Rei Carlos X., tinha julgado, na sua falla de abertura das Camaras do anno passado, dignos de serem separados daquelles de publica instrucção, são outra vez reunidos.

O Principe de Polignac, he a cabeça do novo Ministerio, e dirigirá a politica do Gabinete das Tuilherias. Assim está completo o triumvirato do despotismo da Santa Alliança. Metternich, Wellington, e Polignac. Os amigos da liberdade Europea terão talvez que lastimar a sorte que espera Portugal, a Grecia, a Italia, e a Hespanha: mas as esperanças não estão perdidas. A opinião pública que derribou Villéle, talvez precipite Polignac, e a sua queda demonstre ao Governo Francez, e dos outros, que sem o apoio da força moral, os talentos, e a força phisica não bastão para sustenta-los.

O Ministerio Francez actual he composto como se segue:

Principe de Polignac: Negocios Estrangeiros.
Barão de Bourmont: Guerra.
Conde de Rigny: Marinha.
Conde de la Bourdonnays: Interior.
Barão de Monthel: Ecclesiasticos e Instrucção publica.
Conde Charbrol de Groussol: Fazenda.
Mr. Courvoisier: Guarda dos Sellos.

A repartição do Ministerio do Commercio, e manufacturas he supprimido; e passa a pertencer ao Interior.

(*Observador Constitucional*)

Com este N. se distribue pelos Srs. Assignantes huma Correspondencia assignada pelo Sr. — *J. P. A.*

PORTO ALEGRE 1829. NA TYPOGRAPHIA DE SILVEIRA, E DUBREUIL.
RUA DA PRAIA NUMERO 62.